

A ajuda que virou obrigação

O Sr. Francisco Pereira de 75 anos e a D. Teresa Pereira de 74 anos, são naturais de Vieira do Minho e moram em Braga, são casados há 50 anos, aposentados, ele da GNR, ela como doméstica. A D. Teresa dedicou-se à família, cuidando dos filhos e da casa, pois os turnos e a distância do seu marido não lhe permitiam compatibilidade ou compromisso com um horário normal de trabalho. Tiveram dois filhos, um casal.

Os filhos foram crescendo, entraram para a escola. Eram bons alunos.

Terminado o secundário, o Sr. Francisco e a D. Teresa conversaram sobre o percurso escolar dos filhos e puseram-se de acordo em fazer os sacrifícios económicos necessários para que fossem para a universidade e dessa forma pudessem ter um futuro melhor.

Assim foi, o filho mais velho iniciou engenharia civil na Universidade do Minho e logo depois a filha entrou na mesma universidade em enfermagem.

Concluíram os seus cursos e iniciaram logo a trabalhar.

Pouco tempo depois os filhos casaram.

Uns anos mais tarde, nasceu o primeiro neto João, da parte do filho e ainda nesse ano a filha anunciou que

estava grávida, nasceu então a Maria, pouco tempo depois engravidou de novo, uma gravidez não planeada, abençoada com a chegada do Gabriel.

O João tem 12 anos, a Maria tem 11, e o Gabriel 10 anos.

O João está no 2º ano do 2º ciclo, joga basquete e tem treinos duas vezes por semana.

A Maria está no 1º ano do 2º ciclo e tem aulas de piano às terças e quintas no fim da escola.

O Gabriel, está no 4º ano básico, tem equitação às quartas. Estando reformados e ainda com energia o Sr. Francisco e a D. Teresa dedicam-se muito aos netos e em ajudar os filhos no seu cuidado.

Levando-os à escola, às atividades, ajudar com os trabalhos de casa, dando-lhes o jantar e ainda muitas vezes levá-los aos pais no fim do dia.

O que começou por ser uma ajuda virou rotina e obrigação.

O Sr. Francisco chegou a recusar ir ver um jogo de futebol do seu clube (bilhete oferecido), pois tinha o compromisso de levar e buscar os netos às atividades.

Desde o nascimento dos netos que deixou de ir ao encontro anual da GNR.

Por sua vez a D. Teresa via-se na obrigação de ter que dar satisfação prévia aos filhos para poder ir ao seu cabeleireiro, assim como para outra situação qualquer em que não pudesse ficar com os netos.

Um dia a D. Teresa que é mais ligada às datas e celebrações, falou com o marido e lembrou-o de que nesse ano fariam 50 anos de casados, as bodas de ouro, e

que gostaria de fazer um jantar familiar para comemorar. Estava empolgadíssima.

Quando convidou os filhos, nenhum se mostrou disponível, dizendo já terem compromisso que não podiam adiar e demonstraram desagrado com a possibilidade de os pais não estarem disponíveis para tomarem conta dos netos nesse dia.

-

A D. Teresa ficou de rastos e já não queria fazer festa nenhuma, mas o marido disse-lhe que haveria festa com ou sem os filhos, pois eles mereciam celebrar essa data. Entretanto, saiu para ir buscar os netos às atividades como de costume.

Chegaram a casa e dirigiram-se todos à cozinha para lanchar, mas a mesa não estava posta e a avó não estava lá atarefada como sempre. As crianças perguntaram pela avó e o avô dirigiu-se imediatamente ao quarto, seguido pelos netos. Os miúdos ficaram chocados quando viram a avó deitada e desfeita em lágrimas. Perguntaram logo o que tinha acontecido. A avó não dizia nada, mas o avô teve de contar (embora de uma maneira muito superficial) o que tinha acontecido, pois as crianças não os largavam. Disse-lhes, então, que os pais deles iam estar muito ocupados e que não poderiam estar na festa dos 50 anos de casados deles (avós) e que era por isso que a avó estava tão triste.

Foram os três com o avô para a cozinha, prepararam o lanche, e o Gabriel disse-lhes que enquanto lanchavam

tenham que encontrar uma solução para o problema. De repente, diz o Gabriel: já resolvi o problema!

Como, perguntaram todos em uníssono? Então, o Gabriel explicou-lhes o seu plano.

Como todos vocês sabem a Maria é a queridinha dos papás, então ela vai fingir que ficou deprimida e doente. Quando lhe perguntarem o que se passa ela vai dizer que ficou assim por ter visto a avó muito triste e vai convencer o pai a arranjar maneira de irmos todos à festa. Já sabem como ela é persuasiva, convence sempre os adultos a fazerem-lhe as vontadinhas todas.

A Maria desempenhou o seu papel na perfeição e alarmou os pais. Quando a interrogaram por estar diferente, disse aos pais que era por causa do estado em que tinha visto a avó e acrescentou que até gostava de ser ela a organizar a festa dos avós, pois eles eram como uns segundos pais para todos os netos. Nesse instante entra o Gabriel, que tinha estado à espera do momento mais oportuno, e pergunta à mãe: - mamã, tu também choravas como a avó se fizesses uma festa e nós não quiséssemos vir?

Nesse momento, os miúdos viram os olhos brilhantes da mãe que, segurando-lhes as mãozitas, lhes disse:

- Obrigada por me trazerem para a realidade, pois até hoje andei sempre tão ocupada a representar o meu papel de filha mimada, que nunca tinha pensado que também tenho que retribuir, pelo menos, um pouco daquilo que tenho recebido. Ok, vou conversar com os tios e, todos juntos, vamos organizar as bodas de ouro dos avós.

- Obrigada, mãe! Disseram os dois irmãos em uníssono.

Professora Paula Vieira
Escola Póvoa de Varzim
Alunos 12.º C e Professora Virgínia Cunha
Escola Ponte da Barca